

POLÍTICA

04 JUL 1991

HAROLDO HOLLANDA

Congresso e Forças Armadas

As lideranças políticas tentam encontrar desde ontem uma saída para o impasse político gerado no País a partir da nota dos três ministros militares de crítica ao Congresso pela recusa da Medida Provisória 296, que concedia um reajuste de vencimentos aos servidores da União. Mas o deputado paraibano Vital do Rego, do PDT, disse que o ministro Jarbas Passarinho saiu como entrou da reunião de ontem com o presidente do Senado, Mauro Benevides, e as principais lideranças partidárias: sem ter assumido nenhum compromisso. O representante do PDT, cassado em 68, depois de ter servido na Câmara como vice-líder de Adauto Cardoso e Bilac Pinto, respaldado na sua experiência, considera da maior gravidade a nota dos ministros militares. Conta que foi extremamente elegante e amena a reunião de Passarinho com os líderes partidários. Mas ao sair do encontro o ministro da Justiça deixou escapar um desabafo significativo, ao confessar: "Se eu tivesse me antecipado aos fatos, nada disso relacionado com a 296 poderia ter acontecido". Na interpretação de Vital do Rego, foi como se o ministro Passarinho quisesse dizer que se tivesse vindo diretamente para o Congresso e participado das negociações a medida provisória poderia ter sido aprovada.

O clima político no Congresso é de apreensão, dado que o fato coloca em confronto a instituição parlamentar e as Forças Armadas. O senador Maurício Correia, líder do PDT, diante de Passarinho, confessou que se sentia constrangido pelo que acontecera. O senador Marco Maciel, líder do Governo, acha que a visita do ministro da Justiça foi importante, na medida em que assinalou a retomada das negociações entre o Executivo e o Legislativo em torno do

aumento dos servidores públicos. Recorrendo ao Conselheiro Acácio, na análise dos últimos acontecimentos, repetiu o líder do Governo que as consequências vêm sempre depois, nunca antes. Recordou que lendo dias atrás o livro do "brazilianist" Skidmore, ali comprovou que o manifesto dos militares, em 58, foi determinado por uma questão de soldo. Mais recentemente, pressentindo os desdobramentos do que podia ocorrer, distribuiu entre jornalistas seus conhecidos o testamento político do príncipe holandês Maurício de Nassau, no qual ele adverte sobre os cuidados que o homem de Estado deve ter nas suas relações com os senhores da guerra. Na avaliação de Maciel, tudo o que acaba de suceder poderia ter sido evitado, se o bom-senso tivesse prevalecido. "Ignoraram a história", frisa ele. Não atinaram as lideranças partidárias de acordo com seu juízo, que a Medida Provisória 296 iria favorecer 800 mil servidores.

O senador goiano Irapuan Costa Júnior, do PMDB, conta que viajou recentemente com militares, integrando uma missão oficial do Congresso que visitou a Amazônia a convite do Ministério do Exército. Pelo que tem conhecimento, a nota dos ministros militares é uma decorrência dos temores que têm de serem ultrapassados em sua autoridade pelos presidentes do Clube Militar e da Aeronáutica, que se colocaram à testa de movimentos reivindicatórios pela melhoria dos vencimentos de oficiais e praças das Forças Armadas. Há ainda o fantasma político do deputado e capitão Jair Bolsonaro, que irrita os ministros militares pela sua pregação rebelde, com o que fere o princípio da hierarquia castrense. Julga o senador por Goiás que a nota dos ministros militares se destinou ao público interno e se esgota aí como episódio político.

Apelo de Passarinho

Através de vários apelos, o ministro Jarbas Passarinho tentou evitar que o senador Mauro Benevides, presidente do Senado e do Congresso, divulgasse uma nota condenando o pronunciamento dos três ministros militares. Alegou Mauro Benevi-

des que tendo sido o Congresso criticado, não podia deixar de defender a instituição que representa, embora o tenha feito em termos equilibrados. Se tivesse se omitido, estaria fugindo às suas responsabilidades.

Críticas a Collor

O senador Humberto Lucena, líder do PMDB, diz que não há de sua parte nem das demais lideranças partidárias o intuito de agravar o episódio envolvendo os militares e o Congresso. No acontecimento em si o que o líder do PMDB identifica como grave foi a informação dada pelo ministro Passarinho aos jor-

nais de que o presidente Fernando Collor de Mello tomou conhecimento antecipado da nota dos três ministros militares. Com isso, segundo Lucena, Collor se solidarizou e se tornou concorrente com os agravos cometidos contra o Congresso naquela nota.

Maciel desinformado

Político ligadíssimo ao Palácio do Planalto aponta como sintoma da falta de completo entendimento na coordenação política do Governo o fato de que o senador Marco Maciel, apesar da

sua qualidade de líder do Governo, só tomou conhecimento da nota dos ministros militares quando informado pelos jornalistas que cobrem as atividades do Congresso.

Aviso de amigo

O deputado José Luís Maia, vice-líder do PDS, tinha a intenção de advertir o ministro Passarinho, em encontro previsto para ontem à noite, que ou o Go-

verno reformula por completo seu esquema de relacionamento com os políticos ou corre o risco de ser seguidamente derrotado no Congresso no segundo semestre deste ano.

Jânio e Collor

O senador Humberto Lucena, líder do PMDB, vê muitas semelhanças entre o atual momento e o que precedeu a renúncia de Jânio Quadros, que, a

exemplo do atual Governo, carecia de maioria no Congresso.

"Só que Collor não é de renunciar", constata o líder do PMDB.